

O pensamento trinitário em Leonardo Boff: comunhão e criação

Euler R. Westphal¹

Resumo: Para Boff, o Deus cristão, o Deus da vida, sempre é a Trindade de Pessoas: a comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O conceito pericórese é colocado em intrínseca significação com os conceitos bíblicos de comunhão, amor e vida, pois a interpenetração dinâmica entre as Pessoas da Trindade é o resultado do amor e da vida que constituem a essência da Trindade. A Trindade seria modelo e inspiração para a organização da sociedade e para as lutas por justiça e pela vida humana. Para Martim Lutero, ao contrário de Leonardo Boff, o amor do Deus-Trindade está revelado na impotência e na abscondicidade do Crucificado. A morte de cruz de Jesus de Nazaré foi verdadeiramente a morte de Deus. Deus assume a forma de servo e nem por isso deixa de ser Deus e Senhor, mas na sua condescendência, ao sair de si e andar entre os seres humanos, é que encontramos a demonstração do amor de Deus.

Abstract: In Boff's view, the Christian God, the God of life, is always the Trinity of Persons: the fellowship of the Father, Son and Holy Spirit. The concept of perichoresis is intrinsically related to the biblical concepts of fellowship, love and life, since the dynamic interpenetration between the Persons of the Trinity is the result of the love and life that constitute the essence of the Trinity. The Trinity is viewed as a model and inspiration for the organization of society and the struggles for justice and human life. In contrast with Leonardo Boff, in Martin Luther's view the love of the triune God is revealed in the powerlessness and hiddenness of the Crucified. Jesus of Nazareth's death on the cross was truly the death of God. God takes on the form of a servant, but does not cease to be God and Lord. It is rather in God's condescendence, when God goes out of Godself and dwells among humans, that we find the demonstration of God's love.

Resumen: Para Boff, el Dios cristiano, el Dios de la vida, siempre es la Trinidad de Personas: la comunión del Padre, del Hijo y del Espíritu Santo. El concepto

¹ Dr. Euler Renato Westphal é professor de Teologia Sistemática na Faculdade Luterana de Teologia (FLT) em São Bento do Sul/SC, professor de Bioética e de Pensamento Contemporâneo no Mestrado de Patrimônio Cultural e Sociedade na UNIVILLE – Universidade da Região de Joinville/SC.

perijoresis es colocado en intrínseca significación con los conceptos bíblicos de comunión, amor y vida, pues la interpenetración dinámica entre las Personas de la Trinidad es el resultado del amor y de la vida que constituyen la esencia de la Trinidad. La Trinidad sería modelo e inspiración para la organización de la sociedad y para las luchas por la justicia y por la vida humana. Para Martín Lutero, al contrario de Leonardo Boff, el amor del Dios-Trinidad está revelado en la impotencia y en la abscondicidad del Crucificado. La muerte de cruz de Jesús de Nazaret fue verdaderamente la muerte de Dios. Dios asume la forma de siervo y ni por eso deja de ser Dios y Señor, más en su condescendencia, al salir de sí y andar entre los seres humanos, es que encontramos la demostración del amor de Dios.

Palavras-chave: Trindade, Leonardo Boff, teologia de Lutero, pensamento contemporâneo, criação e redenção

Keywords: Trinity, Leonardo Boff, Luther's theology, contemporary thinking, creation and redemption

Palabras-claves: Trinidad, Leonardo Boff, teología de Lutero, pensamiento contemporáneo, creación y redención

Introdução

No início das nossas considerações, devemos dizer que a ênfase na descontinuidade entre nós e a teologia de Leonardo Boff se impõe devido à necessidade interna de se desenvolver um discurso crítico a partir do tema analisado. Essa crítica é norteada pelos pressupostos teológicos da tradição teológica luterana. É óbvio dizer que essa tradição é distinta daquela na qual Boff está inserido. Contudo, afirmamos nossa simpatia pela teologia trinitária de Boff, pois esta reflete a busca apaixonada para que Deus seja Deus na realidade de conflitos. Essas assimetrias são geradas e proliferam em um continente cristão.

A partir da reivindicação do Primeiro Mandamento não é possível construir uma teologia sem que o teólogo esteja existencialmente atingido pela fé, em atitude doxológica e com vistas à dimensão escatológica. A teologia da Trindade deve colocar as representações eficazes para que Deus seja Deus, e que os seres ameaçados, os excluídos, recuperem sua dignidade. Nesse sentido, o mérito de Boff é de tentar unir a dogmática com a ética, a reflexão rigorosa com a doxologia, a teologia clássica com a realidade humana e ecológica. Além disso, Boff procura o diálogo com a cosmologia

moderna com o objetivo de enriquecer a teologia e abrir o horizonte para outras áreas do saber humano. A Boff cabe o mérito de ter pensado a Trindade como comunhão de pessoas – dirimindo a compreensão hierárquica – para o contexto de sofrimento humano na América Latina, avistando a dignidade de todos os seres. Sua teologia da Trindade tem a capacidade de ligar a libertação histórica e a ecologia à doxologia. Observamos que Leonardo Boff publicou várias obras de espiritualidade, que focam a tolerância e a auto-ajuda. Segundo matéria publicada nos jornais, Boff foi um dos autores da Carta da Terra.² Também há uma profusão de publicações disponíveis na web, cujos temas são fundamentalmente os mesmos: ética, espiritualidade, ecologia, tolerância e convivência.³ Boff é muito respeitado por vários intelectuais brasileiros, a exemplo de Moacir Gadotti, Pedro Demo, Hugo Assmann e outros.⁴ A pergunta crucial nas abordagens de Boff é de que modo o divino deve ser transparente em todas as realidades humanas e cósmicas, com o objetivo de que Deus seja visível no mundo? No nosso entendimento, as abordagens de Boff na atualidade têm sua fundamentação no pensamento trinitário, especialmente a partir do conceito pericórese.

1 – A pericórese como comunhão entre Deus e a criação

Para Boff, o Deus cristão, o Deus verdadeiro, o Deus da vida, sempre é a Trindade de Pessoas: a comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo.⁵ O conceito pericórese é colocado em intrínseca significação com os conceitos bíblicos de comunhão, amor e vida, pois a interpenetração dinâmica

² Cf. CEOLIN, Adriano. Ministra assina cooperação técnica com Carta da Terra. **Jornal A Notícia**, Joinville, 01 maio 2007, Meio Ambiente. <<http://portal.an.com.br/DetNoticia>> Acesso em: 21 abr. 2008. A matéria diz que “um dos autores da Carta da Terra, o teólogo Leonardo Boff marcou presença na assinatura do acordo de cooperação” efetuada pela ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, com o objetivo de divulgar os princípios éticos e políticos da Carta da Terra. Ver: BOFF, Leonardo. **Ética e Moral**: a busca dos fundamentos. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 109-125.

³ Cf. BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**: convivência, respeito e tolerância. Petrópolis: Vozes, 2006. v. II.

⁴ SELL, Carlos Eduardo; BRÚSEKE, Franz Josef. **Mística e Sociedade**. Itajaí: Univali; São Paulo: Paulinas, 2006. DEMO, Pedro. **Introdução à Sociologia**: complexidade, interdisciplinaridade e desigualdade social. São Paulo: Atlas, 2002. Cf. RIOS AZERÉDO, Terezinha. **Ética e competência**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 16). DORNELLES SALES, Geni de. **Metagestão**: a arte do diálogo nas organizações. São Paulo: Saraiva, 2006.

⁵ Cf. ID., *O caminhar da igreja...*, p. 240, 242, 243, 248. Cf. ID., *Trinidad, Mysterium Liberationis*. v. 1, p. 524.

entre as Pessoas da Trindade é o resultado do amor e da vida que constituem a essência da Trindade. Nela há um movimento infinito e eterno de vida como processo de comunhão e de amor. Observamos que pericórese em Boff está muito próximo do pensamento de transparência, como experiência que une o divino e o humano, Deus e a criação.⁶

A Trindade propicia a experiência da totalidade do mistério de Deus. O conceito de transparência é fundamental para a experiência integradora do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Na transparência unem-se a transcendência e a imanência. Ali se encontram o mundo divino e o mundo humano. Na transparência emerge o Espírito Santo como força que transfigura todas as coisas. Assim, a terceira pessoa da Trindade é a energia da amorização divina e humana.⁷

Na transcendência, o ser humano dirige-se às origens de si mesmo e às referências supremas. Deus aparece como a fonte de todas as coisas e a referência última. Na imanência, o ser humano encontra-se com a sociedade e o mundo no qual está inserido. Ela é o palco no qual o ser humano é revelado. Na imanência, o Filho revela o Pai e, na encarnação, assume a natureza humana em sua grandeza e em sua tragédia. O Filho conhece suas raízes no Pai e busca uma sociedade fraterna.⁸

⁶ Ver: WESTPHAL, Euler Renato. **O Deus cristão**: um estudo sobre a teologia trinitária de Leonardo Boff. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; Sinodal, 2003.

⁷ BOFF, Leonardo. **A Trindade, a sociedade e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 38. Deus se revela através de todas as coisas, porque tudo é figura do seu amor, da sua bondade e sabedoria. Todas as coisas tornam-se transparentes a Deus. A experiência de Deus celebra a presença de Deus em cada situação e vive a transparência de Deus no mundo. Assim, transparência significa que Deus está presente no interior do mundo. Cf. BOFF, Leonardo. **Atualidade da experiência de Deus**. Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil, 1974. p. 83-86; 15-16.

⁸ Cf. BOFF, 1986, p. 38. Boff observa essas três dimensões em Ef 4.6, pois Deus é o único Deus e Pai que é *sobre* todos, expressando a transcendência. A frase que diz que Deus atua *através* de todos encerra a dimensão da transparência. A afirmação de que ele se encontra *em* todos significa sua imanência. A transparência encontra-se entre a transcendência e a imanência. A transparência é possibilidade para que a transcendência apareça através do ser criado. Assim, encontramos uma superação das dimensões duais da metafísica, pois há uma interpenetração entre as dimensões da transcendência e da imanência. Cf. BOFF, Leonardo. *Die Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung. Versuch einer Legitimation und einer struktur-funktionalistischen Grundlegung der Kirche im Anschluss an das II. Vatikanische Konzil*. Paderborn: Verlag Bonifatius-Druckerei, 1972. p. 125-126. Assim, parece-nos que a compreensão do conceito pericórese e de transparência se correlacionam na teologia trinitária de Boff. A pericórese trinitária avista a relação entre Deus e o mundo, e assim também a transparência divisa a presença de Deus no mundo e que a sociedade seja sacramento da Trindade, unindo o transcendente e o imanente. Portanto, na sociedade fraterna e justa, Deus se faz transparente, havendo, assim, uma relação de pericórese entre Deus e o mundo, entre o transcendente e o imanente.

Nesse sentido, a concepção teológica constituída de transcendência, imanência e transparência corresponde às três Pessoas da Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A transcendência, a imanência e a transparência constituem a unidade da existência humana. De forma análoga, o Pai, o Filho e o Espírito Santo vivem na comunhão plena, dinâmica e recíproca. O projeto de Deus para a sociedade, na concepção de Boff, é de ser sacramento da Trindade no interior da história.⁹

Boff está consciente do caráter incipiente da teologia trinitária moderna, que incorpora as relações comunitárias e sociais que envolvem os seres humanos e as Pessoas da Trindade. A sociedade, enquanto comunidade social e política, é pensada como um ser próprio que é constituído pelas teias de relações entre pessoas, funções e instituições.¹⁰ Nessa linha de raciocínio, a sociedade aponta para o mistério trinitário, servindo de analogia para o ser único de Deus e da comunhão das Pessoas trinitárias. A Trindade é indicador e arquétipo para a vida social. Isso significa que o mistério da Trindade é modelo para a sociedade humana participativa, igualitária e fraterna. A pericórese entre as Pessoas da Trindade é o fundamento para toda organização comunitária e vida social.¹¹ Boff afirma isso da seguinte maneira: “A Trindade é modelo de toda e qualquer comunidade: respeitando cada individualidade surge, pela comunhão e pela mútua entrega, a comunidade”.¹²

Vemos então que a unidade societária da Trindade é a base para a unidade humana. A unidade é constituída pela relação entre as Pessoas trinitárias ou as pessoas humanas. A partir disso, Boff entende que, na me-

⁹ Cf. BOFF, 1986, p. 39. Na compreensão de Boff, o pensamento sacramental consiste da maneira teológica de ver o mundo (*theo-logische Weltsehweise*). Todas as coisas são vistas sob a perspectiva da realidade de Deus, que é a mais completa, distante e próxima da realidade da criação. A realidade de Deus não é somente transcendente, nem somente imanente, mas ela aparece transparente. A relação Deus e mundo não é expressa adequadamente pelos conceitos de transcendência e imanência, mas a terceira grandeza vai além desses dois conceitos, denominada transparência. Cf. BOFF, 1972, p. 125.

¹⁰ Cf. BOFF, 1986, p. 151.

¹¹ Cf. BOFF, 1986, p. 151-152. A comunhão trinitária tem conseqüências para a espiritualidade cristã, refletindo-se na vida psicológica humana. Nesse sentido, no amor e na aceitação do outro encontramos a liberdade e a pessoalidade. Somente se tem acesso ao outro na medida em que o amor se faz vulnerável, abrindo-se para o outro. Deste modo, o afeto adquire centralidade na experiência trinitária de Deus, pois a espiritualidade somente é possível quando existem afetos pessoais e afetos para com Deus. Assim, a dimensão do social não é rejeitada, mas passa a ser incorporada em uma espiritualidade pessoal e afetiva.

¹² BOFF, Leonardo. **A Santíssima Trindade é a melhor comunidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1989 [1988]. p. 97.

dida em que há união entre os seres humanos, a Trindade é figurada na história.¹³ A Trindade enquanto modelo e inspiração para a organização da sociedade e para as lutas por justiça e pela vida humana é fundamental no pensamento de Boff, como vemos na seguinte afirmação:

A Trindade se comunica como Trindade quando se estabelece comunhão na terra. Ela é vivida também como esperança e antecipada nesta esperança quando os oprimidos e seus aliados lutam contra as rupturas e as opressões. *A comunhão trinitária é fonte de inspiração, fator de protesto, paradigma de construção.*¹⁴

A Trindade como modelo para a edificação da sociedade humana tem seu fundamento na relação do mistério trinitário com a criação. A pericórese trinitária expande-se para a criação, estabelecendo-se a comunhão entre a Trindade e a criação. A criação tem sua origem na Trindade, é remetida à Trindade e também reflete a Trindade, embora seja distinta dela.¹⁵

Entendemos que, para Boff, a Trindade é modelo e corretivo para as relações humanas, na medida em que estiver no interior da ordem da criação. A Trindade encontra-se no interior do mundo, fermentando as relações sociais da vida humana. Observamos, outrossim, que a Trindade como instrumento de inspiração e de correção das redes de relações humanas corresponde à dimensão soteriológica do mistério trinitário.¹⁶ Segundo ele, a pericórese trinitária é a lógica mais complexa e mais completa, portanto a mais adequada para a experiência ecológica. Temos então no discurso trinitário a fonte e a inspiração para o paradigma holístico do inter-retro-relacionamento que está sendo articulado atualmente.¹⁷

Não somente a sociedade humana deve caber na democracia inclusiva, mas essa democracia deve incluir os seres do cosmo. A democracia não

¹³ Cf. BOFF, 1986, p. 169.

¹⁴ BOFF, 1986, p. 202. O grifo é nosso, pois queremos enfatizar o caráter de crítica e inspiração da Trindade diante da organização da sociedade humana na teologia de Boff.

¹⁵ Cf. BOFF, 1986, p. 267.

¹⁶ Cf. BOFF, 1986, p. 271-272. Bruno Forte vê que a Trindade é soteriológica. Deste modo, ela é a força para a existência do crente. Segundo ele, a partir dessa perspectiva é possível resgatar a Trindade do exílio ao qual foi condenada pelo desprezo humano ao mistério trinitário. Cf. FORTE, Bruno. **A Trindade como história**: ensaios sobre o Deus cristão. (Trinità come storia – Saggio sul Dio cristiano). Trad. Alexandre Macintyre. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 18-19.

¹⁷ Cf. BOFF, Leonardo. **Princípio-Terra**: a volta à Terra como pátria comum. São Paulo: Ática, 1995. p. 62-63, 65.

pode ser definida pelos moldes antropocêntricos, mas precisa ser estendida para a biosfera. Assim, o pacto social e o pacto natural precisam ser articulados em interdependência, no qual todos os seres da criação teriam o reconhecimento de personalidade jurídica garantido.¹⁸ Nesse contexto, as mudanças sociais e determinados líderes políticos também poderiam trazer em si um potencial revelatório e divino. Segundo Boff:

Lula trouxe as razões para um novo re-encantamento. Resgatou a auto-estima do povo e a estima pela democracia que possibilitou a um retirante, a um operário, a um estudante da escola árdua da vida, galgar o posto mais alto da Nação: Luiz Inácio Lula da Silva. Bem haja esse povo.¹⁹

Para ele, a democracia é a melhor forma de organizar a sociedade, pois busca a construção do bem comum. Além disso, a democracia ecológico-social está surgindo como uma nova maneira de vivência democrática.²⁰ Ela busca desenvolver uma mentalidade de respeito, compaixão e fraternidade para com toda a criação. A democracia ecológica levará todos os seres, em especial os seres humanos, à fraternidade com a totalidade da realidade sob o olhar paternal e maternal de Deus.²¹

¹⁸ BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis: Vozes, 2005. v. I, p. 149-159.

¹⁹ BOFF, Leonardo. Lula e o re-encantamento do Brasil. **Jornal A Notícia**, Joinville, 26 out. 2002. <<http://www1.an.com.br/2002/out/26/0opi.htm>> Acesso em: 22 jan. 2007.

²⁰ Cf. BOFF, Leonardo. **América Latina: da conquista à nova evangelização**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 86-87. Cf. BOFF, Leonardo. **Ecologia-Mundialização-Espiritualidade: a emergência de um novo paradigma**. São Paulo: Ática, 1993, p. 85-86.

²¹ Cf. BOFF, 1993, p. 89-91. Entendemos que Boff, como franciscano, também hauriu suas intuições ecológicas de Francisco de Assis. Inclusive, Boff encerra sua obra **Dignitas Terrae**. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres (São Paulo: Ática, 1995) com um capítulo sobre as virtudes ecológicas de Francisco de Assis. Para Boff, a ética ecológica de Francisco de Assis não é de domínio sobre a criação, mas se define pelo convívio com as coisas. Para ele, tudo tem um significado teológico, pois vê o sentido transcendente e sacramental nas coisas do mundo. A experiência de Deus cria as condições de possibilidade para a fraternidade universal. Assim, ele é capaz de ver as coisas como sacramento de Deus no mundo. Segundo Boff, Francisco de Assis canta a confraternização em todos os níveis da realidade, pois sua vida e sua ética se relacionam com as coisas, experimentando a generosidade da natureza. Essa é uma postura distinta do homem moderno, que se relaciona de forma dominadora com a criação, não lhe permitindo a experiência de *estar-com* os elementos da criação. Cf. BOFF, Leonardo. **São Francisco de Assis: Ternura e Vigor**. Uma leitura a partir dos pobres. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 51, 60-62. Portanto, a vida de Francisco de Assis é inspiradora para a concepção da democracia ecológica e cósmica de Boff. A fraternidade cósmica de Francisco passa pela identidade com o pobre como renúncia ao poder, como dominação e acumulação de bens materiais. Quando Francisco fala do exercício do poder, refere-se aos cuidados maternos que promovem a vida, acolhendo a alteridade. Cf. BOFF, 1992, p. 86-87.

Observamos, assim, que a Trindade como inspiração para a organização de uma sociedade mais justa é fundamental para o programa social da teologia em questão. Boff também diz que a realidade social deve ser mudada para que a sociedade se torne sacramento da Trindade. Vimos que, ao mesmo tempo em que é a suprema realidade, a Trindade também é protótipo da totalidade da realidade. Assim, poderíamos falar de uma “pericórese” entre a realidade social e a suprema realidade da Trindade.

Vemos assim que a preocupação de Boff é com a eficácia da experiência, condição para uma espiritualidade autêntica. O foco da experiência do divino a partir de meados da década de 1990 e ao longo da década de 2000 não está na palavra cristã e na teologia, mas na espiritualidade que tudo integra e religa. As religiões não são mais o fator decisivo na transformação da civilização excludente e opressora, embora elas ainda tenham sua importância.²² A espiritualidade, e não a religião, segundo Boff, trará a verdadeira transformação, a solidariedade com o cosmo. Para ele, “ao ‘complexo de Deus’ devemos propor ‘o nascimento de Deus’ dentro de cada pessoa e da história da humanidade, e sua epifania no universo”.²³ Procura-se a revolução por meio dos caminhos democráticos. Segundo Boff, o caminho para a superação da dialética de oprimidos e opressores acontece por meio da eleição do presidente Inácio Lula da Silva em 2002. Boff fala de uma democracia participativa, como verdadeiro caminho da revolução, ao dizer assim:

Por isso, mais e mais cresce a percepção entre os analistas de que a perversidade estrutural brasileira não se supera fazendo economia de revolução no sentido de mudanças das estruturas de poder social, político e cultural. Para tal revolução se necessita acumulação de poder social que se canaliza em poder político que se proponha fazer a revolução no quadro de uma democracia enriquecida. Esta deve ultrapassar a democracia meramente eleitoral, que pára na porta da fábrica e comparecer como democracia participativa, de baixo para cima e, por isso, popular. Essa força social e política já se constituiu em nosso País. Ela é representada emblematicamente por um torneiro mecânico que furou a blindagem das elites contra as mudanças es-

²² Importante estudo a respeito de uma hermenêutica ecumênica de SINNER, Rudolf von. **Reden vom dreieinigen Gott in Brasilien und Indien**: Grundzüge einer ökumenischen Hermeneutik im Dialog mit Leonardo Boff und Raimon Panikkar. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 2003. (Hermeneutische Untersuchungen zur Theologie, v. 43).

²³ BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 21.

truturais e agora, pela quarta vez, se apresenta como portador da esperança de que um outro Brasil é possível.²⁴

Anos mais tarde, Boff expressa certa decepção ao constatar que o mesmo presidente não mencionou nenhuma vez a questão ambiental no discurso de posse para seu segundo mandato. “Essa questão deveria preocupar os governos, em especial o nosso, que propõe o crescimento como meta central. Em seu discurso, o presidente Lula não disse sequer uma palavra sobre a questão ambiental”. Boff continua: “Nossos filhos e netos amaldiçoarão nossa geração, que sabia das ameaças e nada ou pouco fez para escapar da tragédia anunciada”.²⁵

2 – O amor como possibilidade de se falar da presença de Deus no mundo: A dialética da Trindade econômica e da Trindade imanente

A teologia de Boff entende que o mundo é objeto do amor de Deus a partir de uma relação de pericórese. Poder-se-ia falar até de consubstancialidade (*homooúsios*) entre a Trindade e o mundo. Já dissemos que Boff articulou o pensamento da pericórese trinitária e da pericórese entre o mundo e a Trindade de tal forma que vê identidade e interpenetração entre as duas dimensões, a criação e a Trindade.²⁶ Segundo o pensamento idealista, Deus precisa entrar no interior do mundo para voltar a si mesmo. Dessa maneira, a criação é condição para que Deus seja amor de fato. Desse modo, o universo é o objeto do amor de Deus.²⁷ Deus é para si mesmo na medida

²⁴ BOFF, Leonardo. Ainda a revolução brasileira. **Jornal A Notícia**, Joinville, 23 ago. 2002. <<http://www1.an.com.br/2002/ago/24/Oopi.htm>> Acesso em: 22 jan. 2007.

²⁵ BOFF, Leonardo. Maldição sobre nossa geração? **Jornal A Notícia**, Joinville, 13 jan. 2007. Acesso em: 22 jan. 2007.

²⁶ Cf. BOFF, Leonardo. **Dignitas Terrae**. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995. p. 49. Boff, como vimos, busca a partir da mística do mestre Eckhart a concepção da mútua imanência entre Deus e a criação, pois, deste modo, Deus está no mundo e o mundo está em Deus. Na interpretação de Boff, essa dialética de mútua implicação também se aplica à sociedade humana. Isso significa que a relação entre Deus e o mundo não é de oposição, superando-se a relação sujeito-objeto, Criador e criatura. Cf. BOFF, Leonardo. Mestre Eckhart: Mestre Eckhart, a mística da total disponibilidade. **Grande Sinal**, Petrópolis, n. 37, p. 138-139, 1983.

²⁷ Cf. JENSON, Robert W. O Deus Triúno. In: BRAATEN, Carl E. & JENSON, Robert W. **Dogmática Cristã**. [Christian Dogmatics]. Trad. Gerrit Delfstra et alii. São Leopoldo: Sinodal, 1990. v. 1, p. 169. Cf. GARCIA TATO, Isidro. En torno a la doctrina trinitaria en Lutero y su evolución en la teología protestante posterior. **Diálogo Ecumênico**, Salamanca, n. 63, p. 38-41, 1984.

em que ele é objetivado na criação, e é através dela que Deus se revela como o Espírito Absoluto. A criação do mundo como necessidade ocorreu na eternidade como acontecimento e execução da idéia de Deus. Assim, no interior da vida de Deus, o ser humano tem espaço para existir enquanto humano.²⁸ Sob essa perspectiva, Hegel entende que o Espírito é Deus como amor eterno. Ele diz isso da seguinte forma: “Gott ist der Geist [...] Der Geist ist dieser Prozess, ist Bewegung, Leben; dies ist, sich zu unterscheiden, zu bestimmen, und die erste Unterscheidung ist, dass er ist als diese allgemeine Idee selbst”. (“Deus é o Espírito [...] O Espírito é este processo, é movimento, vida, isto é, para se autodistinguir, definir-se, e a primeira distinção é que ele é como esta idéia geral em si mesma.”)²⁹

Na verdade, o pensamento trinitário é eliminado a partir do momento em que Deus tem necessidade de entrar no mundo, quando a criação se torna mediação através da qual Deus existe em si mesmo. Estamos diante do problema da concepção de Deus como processo na teologia de Boff. Segundo nosso entendimento, Deus é. Desse modo, sua existência não depende desse processo em marcha permanente.

O conceito pericórese entre criação e mundo dá lugar à idéia de que os processos históricos também estão em Deus, havendo uma identificação da Trindade no interior do processo cósmico. Conforme Boff, segundo pesquisas científicas recentes, existiria a possibilidade da revelação da presença de Deus no cérebro humano.³⁰ Boff assume a compreensão de que Deus é processo, pois ele está na história, no cosmo e no cérebro humano, mesmo que não identifique diretamente a Trindade com os processos cósmicos. Diante disso, a Trindade é compreendida a partir das suas manifestações históricas, em prejuízo da Trindade como alteridade diante do cosmo e dos seus processos históricos.³¹

²⁸ Cf. HIRSCH, Emanuel. **Geschichte der neuen evangelischen Theologie**. Gütersloh: Bertelsmann, 1954. v. 5, p. 238-239.

²⁹ HEGEL, Georg W. F. **Vorlesungen über die Philosophie der Religion II**: Vorlesungen über die Beweise vom Dasein Gottes. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986. 539 p. G. W. F. Hegel Werke, v. 17, p. 221.

³⁰ Cf. BOFF, Leonardo. O “ponto Deus” no cérebro. **Jornal A Notícia**, Joinville, 12 abr. 2008, Opinião. <<http://www.clicrbs.com.br/anoticia>> Acesso em: 21 abr. 2008. Boff diz assim: “A espiritualidade pertence ao humano e não é monopólio das religiões. Antes, as religiões são uma das expressões desse ‘ponto Deus’”.

³¹ Cf. BOFF, 1986, p. 154. Cf. BOFF, 1995, p. 227, 234-235.

Observamos que Boff está tendencialmente próximo da visão idealista. Deus e o mundo são vistos quase como sinônimos, pois Deus poderia ser o nome com o qual se designa o mistério do mundo. Inclusive, não há Deus sem a existência do mundo. Essa pericórese entre Deus e o mundo é tão próxima, que tudo o que ocorre em Deus tem implicações no mundo, e o que acontece no mundo repercute em Deus.³² Entendemos, entretanto, que nas organizações sociais humanas não é possível falar de uma comunhão tão próxima e imbricada que não houvesse mais distância entre os sujeitos humanos. Além disso, uma sociedade organizada a partir do modelo pericorético trinitário poderia levar a uma sociedade de governo teocrático. Boff não pensou suficientemente a distinção entre pericórese trinitária e pericórese humana e cósmica.

Nesse sentido, registramos que a primazia do aspecto relacional sobre o pessoal, na teologia trinitária, poderia levar a uma diluição das Pessoas da Trindade, pois a interpenetração entre as distintas pessoas e a mutualidade entre elas levaria à imagem de um Deus que só é relação e não é mais constituído por sujeitos de ação. A partir disso, a ênfase recairia nas Pessoas trinitárias como energia e desse modo haveria, tendencialmente, uma primazia do Cristo cósmico e do Espírito cósmico – que é algo como suprema energia –, superando e diminuindo a pessoa do Pai. Isso ocorre porque cada pessoa da Trindade está tão intensamente na outra, com a outra e para a outra, que a outra pessoa como alteridade é sufocada pela comunhão e interpenetração dos três divinos.

Entendemos que a afirmação da comunhão no seio da Trindade não deve significar a superação da compreensão pessoal da Trindade, mas sua afirmação. A essência da Trindade não é constituída de sujeitos individuais, mas da comunhão de sujeitos que são transparentes um para com o outro. Um sujeito existe em comunhão com os outros sujeitos.³³ Entendemos ser fundamental a afirmação da unidade, que é garantida pela pericórese, como também é fundamental a afirmação da distinção dos três sujeitos da Trindade.

³² Cf. BOFF, 1995, p. 218, 227. É digno de nota que na concepção de Feuerbach, que se inscreve no idealismo hegeliano, o mistério da Trindade é o símbolo da capacidade de sociabilidade da humanidade. Cf. FEUERBACH, Ludwig. *Das Wesen des Christentums*. Stuttgart, Reclam, 1980 (1969). (Texto original: 3. ed. Leipzig, 1849). p. 348-353.

³³ Observamos que essa é uma intuição fundamental das reflexões trinitárias do teólogo ortodoxo romeno Staniloae. Cf. STANILOAE, Dumitru. *Orthodoxe Dogmatik*. Übers. Hermann Pitters. Zürich: Benzinger Verlag, 1985. 458 p. (Ökumenische Theologie, 12). Original romeno, p. 267.

Assim, a abordagem de Boff tem os seus méritos, aos quais também queremos apontar. Nesse contexto, a pericórese é o conceito que supera as relações de origem e de hierarquia no interior da Trindade. Destarte, Boff procura insistentemente resolver a questão da transcendência e da imanência através da doutrina trinitária. Inclusive, como já vimos anteriormente, a doutrina trinitária surge a partir do interesse pela relação entre Deus e o mundo na igreja antiga. De qualquer forma, para a teologia de Boff, através da ação salvífica do Filho e do Espírito Santo é possível falar da presença do Pai, sem, contudo, diminuir sua transcendência. Assim, a consubstancialidade das três Pessoas trinitárias manifesta-se na ação conjunta das pessoas divinas na história salvífica. Dessa maneira, o conceito estruturador não é a essência e a substância da Trindade, que são conceitos metafísicos, mas a comunhão pericorética, que é extraída das manifestações concretas das Pessoas da Trindade na história. Boff, na esteira de Karl Rahner, pretende superar a metafísica lógica das processões e do tratado do Deus Uno a partir da história salvífica. Dessa forma, há a primazia do soteriológico na hermenêutica da sua doutrina trinitária. As reflexões sobre a Trindade imanente são articuladas sob uma perspectiva doxológica a serviço da mistagogia.

3 – A relação entre o amor de Deus e a pericórese: teses para reflexão

A primazia da dimensão econômica do falar da Trindade não é articulada unilateralmente e não se dilui sua dimensão ontológica. Boff, ao buscar pela superação da linguagem das processões, não dirime as questões referentes à ontologia trinitária, que se serve da metafísica para expressar a vida no interior do círculo trinitário. A ontologia trinitária, o Deus em si mesmo, permanece em seu mistério como o bem outro, o *totaliter aliter*. Observamos que, para Boff, a preocupação em distinguir entre a linguagem teológica e o divino tem como objetivo deixar Deus ser Deus na sua imanência. Nesse sentido, não é possível desnudá-lo em sua santidade através dos instrumentos conceituais humanos. Deus tem existência própria como mistério santo, mas ele somente pode ser conhecido pela Trindade econômica. Assim como Boff, Lutero já intuía essa primazia do histórico-salvífico como mediação para o conhecimento de Deus. A partir da reforma

luterana, gostaríamos de abordar algumas questões fundamentais que nos distinguem da teologia de Leonardo Boff.³⁴

3.1 – Tese I: O conhecimento de Deus como mistério do mundo somente é possível no Filho Jesus, que é o centro da teologia.

Segundo Lutero, somente por meio do Jesus de Nazaré é que se conhece o rosto de Deus. A dialética de juízo e graça exclui a possibilidade do conhecimento salvífico de Deus a partir da ontologia.³⁵ Entendemos que, para Lutero, ao contrário de Boff, Deus, em sua majestade, presente na totalidade da realidade, corresponde à imanência do Deus-Trindade. Sua majestade, que também é o seu ocultamento, é a terrível face de Deus. Somente é possível falar de Deus a partir de baixo, a partir de Jesus Cristo, o crucificado, a partir da Trindade econômica.³⁶

Assim sendo, o verdadeiro teólogo é aquele que reconhece Deus pelas coisas visíveis, a partir dos sofrimentos e da cruz, e não através dos atributos invisíveis do Deus eterno e imanente.³⁷ Segundo Lutero, o Deus imanente, que é o Deus abscondito, em sua vontade imperscrutável quer a morte do pecador. Entretanto, segundo a palavra da cruz, em sua manifestação histórico-salvífica, Deus não quer a morte porque ele proporciona vida eterna ao pecador.³⁸ Assim, no nosso modo de entender, a doxologia a partir da Trindade imanente só é possível à medida que o desespero diante do

³⁴ Von Sinner compara a teologia protestante com a teologia de Leonardo Boff em suas semelhanças e continuidades, enquanto nós ressaltamos mais as diferenças entre ambas. Cf. SINNER, Rudolf von. Leonardo Boff – um católico protestante. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 46, n. 1, p. 152-173, 2006. Ver também WESTPHAL, Euler Renato. Reflexões hermenêuticas: experiência e eficácia no pensamento de Leonardo Boff. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 47, n. 1, p. 43-64, 2007.

³⁵ Cf. PETERS, Albrecht. Die Lehre vom christlichen Glauben. SLENCZKA Reinhard & KELLER, Rudolf (Herausg.). *Rechenschaft des Glaubens: Aufsätze*. Göttingen: Vandenhoeck u. Ruprecht, 1984. p. 26.

³⁶ EBELING, Gerhard. *O Pensamento de Lutero: uma introdução*. [Luther. Einführung in sein Denken]. Trad. Helberto Michel. São Leopoldo: Sinodal, 1988. 224 p. Orig. alemão, p. 211-212.

³⁷ Cf. LUTERO, Martinho. O Debate de Heidelberg. [Disputatio Heidelbergae habita]. Trad. Walter O. Schlupp. In: _____. *Obras Selecionadas: Os primórdios: escritos de 1517 a 1519*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987. v. 1, p. 49-50. Orig. latim. Cf. LOEWENICH, Walther von. *A Teologia da Cruz de Lutero*. [Luthers Theologia crucis]. Trad. Walter O. Schlupp & Ison Kayser. São Leopoldo: Sinodal, 1988. 183 p. Orig. alemão. (Col. Teologia histórico-sistemática). p. 14-20.

³⁸ Cf. LUTERO, Martinho. Da vontade Cativa. [De Servo Arbitrio Mar. Lutheri ad Erasmus Roterdamum]. Trad. Luís Marcos Sander et alii. In: _____. *Obras Selecionadas: debates e controvérsias*, II. São Leopoldo: Sinodal, 1993. v. 4, p. 101. Orig. latim.

Deus abscondito nos leva à palavra consoladora da cruz. Sem isso não há louvação, mas desespero diante da majestade do Deus imanente. Desse modo, sem diluir a dimensão ontológica da Trindade, é necessário afirmar a Trindade imanente e econômica sob a perspectiva da lógica do paradoxo, que incorpora duas afirmações por inteiro, sem diluí-las dialeticamente numa síntese. É fundamental afirmar o ser de Deus, na sua imanência, como o Deus abscondito, e é igualmente verdadeiro que Deus é amor, como o vemos na teologia da cruz. O ser de Deus e o seu amor são duas dimensões do mesmo Deus, que não podem ser diluídas.³⁹

As duas assertivas devem existir lado a lado, sem, contudo, buscar incorporar uma afirmação que representa uma totalidade na outra totalidade, buscando sua superação. A Trindade revela-se na pessoa de Jesus Cristo e no Espírito Santo, que, por sua vez, deve ser afirmado como *filioque*, ou seja, o Espírito está diretamente ligado ao Filho, pois sua definição ôntica passa pela mediação do Filho. O Filho não revela nada mais do que o amor intratrinitário.

A Trindade existe numa dinâmica da pericórese de amor entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Diante disso, é fundamental apontar para o amor como elemento constitutivo dentro da Trindade. Nos capítulos anteriores vimos que, para Boff, a pericórese é o conceito-chave para falar da Trindade. Embora para ele, assim nos parece, os conceitos não sejam exatamente unívocos, pois ora se fala da comunhão, ora do amor, ora da vida, como conceitos-chave para se falar da relação trinitária. Atualmente as palavras que traduzem tudo isso são: convivência, respeito, tolerância e hospitalidade.⁴⁰

De qualquer forma, entendemos que a pericórese como comunhão ainda não é o conceito mais adequado para falar da Trindade, uma vez que as Escrituras nos dizem que “Deus é amor” (1Jo 4.8.16) e que “Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito” (Jo 3.16).⁴¹ Além

³⁹ Cf. PRENTER, Regin. Der Gott, der Liebe ist. Das Verhältnis der Gotteslehre zur Christologie. **Theologische Literaturzeitung**, Leipzig, 96 (6), p. 411-413, jun. 1971.

⁴⁰ Cf. BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível: convivência, respeito e tolerância**. Petrópolis: Vozes, 2006. v. II. Cf. BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível: hospitalidade**. Petrópolis: Vozes, 2005. v. I.

⁴¹ Boff sabe que o conceito pericórese está incorporado à grandeza amor, por meio da qual Deus é definido. Cf. BOFF, 1986, p. 182.

disso, o amor é condição para o falar da Trindade.⁴² Isso significa que o Deus triúno não é comunhão, mas, como ser e amor, ele está em comunhão com os outros sujeitos da Trindade. O conceito pericórese qualifica o Deus triúno, que é amor, qualificando assim o próprio amor de Deus. Todavia, Deus não é pericórese.

3.2 – Tese II: Na justificação, o ser humano experimenta o agir histórico salvífico de Deus, que é a experiência de lei e evangelho.

Não há dúvida de que o conceito pericórese tem a capacidade centripetal de unir o diferente, interpenetrando as realidades de tal forma que elas perdem sua relação com a alteridade, pois o princípio de inclusão anula a existência do outro. Como abordamos anteriormente, poderia haver o risco de o outro não ter mais vida própria, na medida em que é diluído pelo outro. Um sujeito atua sobre a alteridade, incorporando o outro. Poder-se-ia intuir que a pericórese não permite espaços para a existência da alteridade como um *Gegenüber* real com identidade própria.

De outro lado, convém dizer que o Deus que é amor não vive fechado em si mesmo, numa relação narcisista, na qual ele é o próximo de si mesmo. Porque Deus é amor, ele se relaciona em comunhão, pois o amor busca a comunhão com aquele que lhe é alteridade dentro e fora de Deus. Deus vem para fora de si mesmo no seu Filho Jesus Cristo. Na sua encarnação encontramos a densificação do amor de Deus. Deus se nos aparece no homem Jesus. E nele vemos o rosto e o coração de Deus. O conhecimento da Trindade não passa pela metafísica, mas pela revelação histórica de Jesus Cristo como verdadeiro homem e verdadeiro Deus.

Sua revelação não anula e não dirime a Trindade imanente. Pelo contrário, ela é confirmada em seu mistério e sua inacessibilidade, pois, fora do raio de revelação de Jesus, nós vemos Deus somente pelas costas. Ele permanece santo e o completamente outro, do qual é impossível se aproximar. Mesmo ao enfatizar a natureza ôntica de Deus, é possível dizer que *finitum capax infiniti*, pois a revelação em Jesus Cristo é condição e possibilidade para que o ser humano se aproprie das obras salvadoras do homem Jesus. O Deus eterno e absolutamente transcendente se faz absolutamente

⁴² Cf. PRENTER, R. Der Gott der Liebe ist. *Theologische Literaturzeitung*, 96 (6), p. 412.

imane e assume a ambigüidade e a tragédia humana. Isso é ato de amor que vem da ação criadora do Deus triúno, que onticamente é amor.

Assim mesmo, o Deus Trindade não é apreendido pela ontologia, mas é reconhecido pela autocomunicação de Deus⁴³, que é sua intervenção concreta na história, em Jesus de Nazaré. O homem Jesus, o Filho de Deus, é Deus.⁴⁴ Desse modo, na cruz não temos somente a morte de um homem que foi injustiçado, vitimado pela injustiça humana, ou seja, vítima de um crime político, como o quer Boff. Para ele, Deus não pode ter matado Deus. Jesus não precisava ter morrido na cruz para manifestar o amor do Pai, mas sua cruz foi consequência da fidelidade ao Pai. O amor, sendo essência de Deus, é incompatível com a morte de cruz, que seria, na compreensão de Boff, a antítese e a negação do amor.⁴⁵

Ao contrário do que Boff pensa, a densificação do amor da Trindade está na cruz como amor ao mundo que busca comunhão ao se entregar como vítima e sacrifício do amor do Pai. O amor do Deus-Trindade está revelado na impotência e na abscondicidade do Crucificado. A morte de cruz de Jesus de Nazaré foi verdadeiramente a morte de Deus. Deus assume a forma de servo e nem por isso deixa de ser Deus e Senhor, mas exatamente na sua condescendência, ao sair de si e andar como forasteiro em terra estranha, é que encontramos a demonstração de amor de Deus, que pulveriza as tentativas humanas de estabelecer o amor por esforço próprio.⁴⁶ Nesse sentido, a doutrina da Trindade é diluída na medida em que se ignora o sacrifício expiatório de Cristo, pois a dimensão da lei e evangelho, do Deus irado e do Deus gracioso, é que proporciona densidade à doutrina trinitária. Luteranamente falando, a redenção somente pode ser apreendida na dialética de lei e evangelho, que está no horizonte da compreensão do Deus-Trinda-

⁴³ Quando Boff fala de autocomunicação de Deus, está se referindo à identidade da Trindade imane e da Trindade econômica. Na história, na encarnação e na pneumatificação se dá a unidade entre a Trindade econômica e a Trindade imane e vice-versa. Cf. BOFF, 1986, p. 146.

⁴⁴ Cf. BRUNNER, Emil. Die christliche Lehre von Gott. In: _____. *Dogmatik*. 4. Aufl. Zürich: Theologischer Verlag, 1972 (1946). v. 1, p. 217-219.

⁴⁵ Cf. BOFF, Leonardo. **Paixão de Cristo, paixão do mundo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1990 (1977). p. 132.

⁴⁶ Cf. BARTH, Karl. Die Lehre von der Versöhnung. In: _____. **Die Kirchliche Dogmatik**. 5. Aufl. Zürich: Theologischer Verlag, 1986 (1953). v. IV/1, p. 171-173.

de como um Deus santo e gracioso. Parece-nos que Boff dilui essa dialética, que é fundamental na compreensão luterana.⁴⁷

3.3 – Tese III: A experiência de fé vem pela experiência da palavra criadora e redentora de Deus.

Segundo Lutero, não encontramos o rosto de Deus na criação. A experiência do mundo fornece-nos máscaras de Deus, que atestam sua bondade, porém o seu rosto vemos no ser humano Jesus de Nazaré, o crucificado. Na encarnação, Jesus é criatura humana, mas ainda assim permanece alteridade diante de toda criatura. Ele é irmão do ser humano, mas o encontra como o bem-outro e o totalmente-diferente, porque é Deus. Mesmo em sua total alteridade, ele é o Deus-conosco, habita na total imanência e vive a humanidade em sua totalidade, porém sem pecado. Lutero descartava a possibilidade de um conhecimento pleno de Deus, a partir da sabedoria metafísica e da religião dos povos, pois, segundo ele, o saber natural de Deus está escravizado pela realidade do pecado. Ligado a isso, é importante lembrar que Lutero criticava vigorosamente a tradição teológica que não dimensionasse o juízo de Deus sobre o pecado e a graça como anistia sobre o condenado.⁴⁸

Na cruz, Deus se fez nosso irmão; na cruz, Jesus é sacrifício como expressão do amor e da santidade de Deus. A dialética de amor e de juízo é elemento constitutivo para a compreensão da radicalidade de Deus e da tragédia que se abateu na cruz sobre o homem Jesus. A santidade é condição para o amor, pois este é visto sob a perspectiva do juízo e da ira de Deus, caso contrário o amor seria apenas expressão de afeto humano. A santidade gera a distância necessária entre o ser humano e a Trindade, enquanto o amor é a proximidade vital entre tempo e eternidade, entre a criatura e a Trindade. A cruz, como demonstração do amor, é obra *ad intra* de

⁴⁷ Cf. SCHLINK, Edmund. *Ökumenische Dogmatik*: Grundzüge. 2. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1985 (1983). p. 1033.

⁴⁸ Testemunho da experiência da presença de Deus na vida – narrada de uma forma muito bonita e espiritualmente edificante, no sentido pleno da palavra – encontramos na seguinte obra: BOFF, Leonardo. *Mínima Sacramentalia*. Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos: ensaio de Teologia Narrativa. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. Para Lutero, essa seria uma experiência legítima da presença de Deus no mundo, a partir das suas máscaras que mantêm a vida e a criação. Contudo, o rosto de Deus somente pode ser visto em Jesus Cristo.

Deus, pois a essência de Deus é o amor. A cruz revela a maldade e o sofrimento em sua forma mais radical, acolhendo as profundezas da miséria humana e sua total alienação de Deus e de si mesmo, como *opus alienum* e *opus proprium* da obra *ad intra* da Trindade. Deus faz isso porque o seu amor não depende da dignidade do objeto a ser amado.

Nas elaborações teóricas sobre a questão trinitária afirmou-se que o amor é a essência da Trindade, pois o amor não é uma contingência de Deus, mas é essencial para si mesmo como Trindade. O amor é a dinâmica da vida trinitária que dá o conteúdo à concepção de natureza (*usía*) e de pessoa (*hipóstase*). O amor é o poder que estabelece o vínculo de união e de comunhão entre as Pessoas da Trindade. A força do amor entre os três sujeitos trinitários preenche toda a criação, porque ela é fruto da livre criação da Trindade. Por amor, Deus permite a existência do outro fora de si mesmo, porque no interior da família trinitária já há essa relação de alteridade entre os sujeitos que constituem a Trindade.

O Espírito Santo é o amor através do qual o Pai e o Filho estão unidos. Assim, o Espírito Santo se apresenta como um Tu pessoal e como pessoa indivisível de Deus. Cada pessoa é um Eu que vive na sua relação com o Tu. O Eu é constituído pela relação com seu contexto social dentro da Trindade. O amor é o elemento que constitui a unidade da vida intratrinitária e o Espírito Santo é a hipostatização do amor.⁴⁹ Cada pessoa da Trindade é sujeito do amor, o Pai é sujeito do amor como também o Filho e o Espírito Santo. O amor de Deus é concretizado no agir de Jesus. O amor é a unidade da alteridade da família trinitária.⁵⁰ Todavia, o amor não é um adjetivo atribuído a Deus, como ocorreu muitas vezes na história da teologia. De fato, o amor é constitutivo da substância e da essência de Deus. Assim, o amor não é somente o predicado de um sujeito. Se assim fosse, esse sujeito também poderia ter existência própria sem o amor.

Deus deve ser experimentado como amor.⁵¹ Portanto, o amor não está subordinado a um sujeito, mas é a essência do sujeito trinitário. Dessa

⁴⁹ Cf. PANNENBERG, Wolfhart. *Systematische Theologie*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1988. v. 1, p. 460-463.

⁵⁰ Cf. PANNENBERG, 1988, p. 456-459.

⁵¹ L. Feuerbach critica vigorosamente a concepção cristã tradicional do amor a Deus que, segundo ele, não vê o amor como elemento constitutivo da própria essência de Deus. Cf. FEUERBACH, 1980, p. 105-107.

forma, cada sujeito da Trindade ama o outro e ama a si mesmo. O amor é poder que se torna eficaz no outro. A personalidade do Eu é constituída na alteridade do Tu, e através do amor a alteridade é afirmada, pois o amor evidencia as pessoas e lhes dá direito à existência em seu ser em si mesmo. O poder do amor não nega a existência do outro. O direito à alteridade é garantido pelo amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Poder-se-ia dizer que o amor é condição de possibilidade para a alteridade. Então, na relação com o Outro trinitário, cada pessoa é um sujeito em si mesmo, ou seja, a identidade da pessoa trinitária é garantida pela relação com sua alteridade. Isso significa que o Pai é Pai em relação ao Filho e que o Filho recebe sua filiação por ser gerado do Pai e que o Espírito se relaciona hipostaticamente com o Pai e o Filho.⁵²

O Deus cristão é um Deus-sociedade, o Deus-nós é amor.⁵³ As Pessoas da Trindade têm sua existência em si mesmas na medida em que se relacionam com as outras pessoas. Decorrente dessas reflexões, os traços da personalidade humana foram descobertos à luz da Trindade. O Eu humano é determinado pelo outro, sendo que o outro não se dilui no Eu, mas permanece o outro. Há diferença entre o sujeito que ama e o amor, pois a identidade da pessoa não é exclusiva e perfeitamente determinada pelo outro, enquanto que, na Trindade, sujeito e amor são a mesma coisa.

Na Trindade, portanto, temos o amor que define a unidade e é o amor que permite a alteridade. No amor concreto e histórico, que é Jesus Cristo, conhecemos as alteridades como pessoas distintas dentro da Trindade.⁵⁴ Deus é a alteridade eterna e a realidade pessoal que busca o diálogo com o ser humano, mesmo que seja culpado. A pergunta que Deus faz a Adão: “onde estás?” (Gn 3.9) expressa a iniciativa de Deus para dialogar com o ser humano. Essa relação coloca a pessoa numa posição dialógica, pois Deus não vem ao ser humano pelas costas, mas o interpela face a face.

De forma análoga à realidade trinitária podemos dizer que o Eu recebe sua identidade na medida em que o outro, o Tu, se relaciona com o Eu.

⁵² Cf. PANNENBERG, 1988, v. 1, p. 459-462.

⁵³ Cf. SEGUNDO, Juan Luis. A nossa idéia de Deus. [Nuestra Idea de Dios]. In: _____. **Teologia aberta para o leigo adulto**. [Teología abierta para el laico adulto]. 2. ed. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1976 [1975]. p. 70.

⁵⁴ Cf. PANNENBERG, 1988, v. 1, p. 464-466.

Temos, então, a relação entre duas alteridades, dois sujeitos concretos, que se comunicam no amor.⁵⁵ É o amor que afirma a existência da alteridade por inteiro. O egoísmo nega a alteridade e, com isso, nega a existência do diferente e não reconhece qualquer alteridade. Assim, o egoísmo se coloca como alteridade absoluta, relacionando-se o sujeito consigo mesmo. Ele é o próximo de si mesmo. Para o narcisista, tudo gira em torno de si, e a vantagem para si é sua norma. Para ele, as coisas e as pessoas existem em função do ganho próprio.⁵⁶

No amor, o ser humano não é propriedade de si mesmo, pois, na medida em que se sente propriedade de si mesmo, ele não ama. O Eu não pode mais ser Eu para si mesmo, mas tem que ser Eu para o outro, formando um nós. Percebemos que aqui estamos diante de uma analogia com a Trindade. Assim, o amor transforma o ter em ser. O Eu se entrega ao Tu; e sem o Tu, o Eu não pode mais existir.⁵⁷ Ontologicamente falando, o amor ao outro é um ato de fé, pois é entrega. Quem tem pouca fé tem pouco amor. A fé e o amor são profundamente práticos, a ponto de despendem energia produtiva no exercício do amor.

O amor é responsável ao assumir o outro. Portanto, não se trata de uma abstração. O amor é sentimento, é decisão, é práxis concreta e é promessa. Isso significa que o ser humano não pode estar orientado pela ética do ter, da lógica capitalista, pois o individualismo narcisista e o amor são duas grandezas excludentes. Faz-se necessário que o amor se concretize na sociedade, o que é um desafio permanente.⁵⁸ Diante disso, perguntamos se é possível o ser humano amar a partir da inspiração do amor trinitário?

⁵⁵ A questão da alteridade foi muito bem refletida por Dussel, que nutriu seus conceitos da filosofia judaica, através de Levinas. Para Dussel, o outro é o pobre, o oprimido, aquele que está à beira do sistema. Cf. DUSSEL, Enrique D. **Filosofia da Libertação na América Latina**. [Filosofia de la Liberación]. Trad. Luiz João Gaio. 2. ed. São Paulo: Loyola, [s.d.] (Col. Reflexão Latino-Americana, 3/1). Orig. espanhol, p. 48-50, 118.

⁵⁶ Cf. FROMM, Erich. **Die Kunst des Liebens**. [The art of loving]. Übers. Liselotte u. Ernst Mickel. Frankfurt/M: Ullstein, 1981 (1956). p. 130, 172-175.

⁵⁷ Cf. JÜNGEL, Eberhard. **Gott als Geheimnis der Welt**. 6. durchges. Aufl. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1992 (1977). p. 435, 537.

⁵⁸ Cf. FROMM, 1981, p. 140-146, 168, 172.

3.4 – Tese IV: A graça de Deus não completa a natureza. Também é necessário dizer que a graça de Deus não aniquila o mundo, mas o conserva.

Conhecemos o amor do Deus-Trindade à medida que ele revela seu amor ao mundo através do Filho. É elucidativo que Jesus, o Filho de Deus, se mostre profundamente sensível para a relação entre o ser humano e a criação. Todavia, o mistério da radicalidade do pecado significa ruptura da unidade entre a criação e a redenção. O pecado é a contradição radical da criação de Deus. O pecado humano representa a total negação da relação com Deus, com o próximo e com a criação. Isso significa que a condição humana como pecador é destino ontológico e tragédia pessoal. O ser humano coloca-se permanentemente contra a ação criadora de Deus. A história humana é perpassada pela história do pecado.

O pecado não seria a negação do amor e total impossibilidade de o ser humano amar a partir de suas reservas humanas? A ontologia é capaz de proporcionar o amor que não seja somente o amor de *eros*? Em que medida o amor pode se tornar um código moral que organiza as relações da coletividade? Aqui a teologia da cruz nos dá as pistas que podemos seguir, pois no crucificado Deus vem de Deus em direção ao ser humano. Deus, como ser, é sujeito e objeto de si mesmo. O amor de Deus é o movimento que sai de si e busca aquela alteridade que não merece amor, o ser humano. De dentro do movimento do amor é que entendemos o crucificado. Deus, em seu amor, se revela como um Tu ao ser humano.

Deus transcende o ser, mas na medida em que Deus vem de Deus, ele se torna ser. Na medida em que Deus é a origem de si mesmo, ele é ser, embora não seja um ser somente, mas ele é a totalidade e a perfeição do ser. Deus vem de si mesmo para Deus e os seres humanos. Ele entra na radical alienação quando entra na morte de Jesus. Deus volta a si mesmo e Deus se dirige aos seres humanos na alienação radical da morte de cruz. Isso ocorre quando o movimento do Pai se dirige ao Filho e, como Filho, se dirige a Jesus, o crucificado. A afirmação que Deus vem de Deus para Deus somente pode ser asseverada se Deus veio aos seres humanos. Desse modo, Deus é o fim (*Ziel*) de si mesmo e o seu objetivo é a criação e o ser humano.⁵⁹

⁵⁹ Cf. JÜNGEL, 1992, p. 524-526.

3.5 – Tese V: Não há só ruptura, mas há também continuidade entre a criação e a redenção.

Exemplo da continuidade entre redenção e criação é a religião como parte integrante da estrutura ontológica do ser humano, embora o conhecimento natural de Deus seja impotente para descobrir e reconhecer a salvação na criação. Antes, o ser humano cria seus deuses à semelhança de seus pensamentos e necessidades. Para a Reforma, o conhecimento de Deus é paradoxal. Ele pode ser obtido no âmbito da criação e por meio da fé em Jesus Cristo. Assim, todo o conhecimento de Deus acontece na relação paradoxal de lei e evangelho. No *opus alienum* de Deus o conhecemos enquanto criador, e no seu *opus proprium*, que vemos em Jesus Cristo, conhecemos a redenção. Ou seja, na criação encontramos o *deus absconditus* e em Jesus Cristo o *deus revelatus*.⁶⁰ Há uma preocupação em relacionar ontologia e história da salvação, sem que a dimensão ôntica da Trindade seja diluída e a soteriologia sofra prejuízos. Deus é ser, é amor que se revela e que se auto-entrega ao distinto dele, fora de Deus. Diante disso, Deus se revela segundo aquilo que é em si mesmo: ele é amor. A natureza de Deus é comunicada pelo Filho.

Ao afirmarmos o sacrifício expiatório nas reflexões sobre a Trindade, é necessário dizer que Jesus não veio somente por causa do pecado humano, pois a encarnação não é a tentativa desesperada de intervenção de Deus. Ele veio em forma humana, porque a encarnação e a cruz correspondem à essência da Trindade, que é o amor.⁶¹ Deus se autolimita ao entrar no mundo e a *kénosis* atinge o seu ápice na cruz de Cristo. Na criação, que marca o início da *kénosis*, temos o encontro de duas alteridades, Deus e sua criatura.⁶²

⁶⁰ Cf. PETERS, 1984, p. 27.

⁶¹ Cf. JOEST, Wilfried. Die Wirklichkeit Gottes. In: _____. **Dogmatik**. 3. durchges. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1989 (1984). Bd. 1, p. 340-341.

⁶² Cf. BRUNNER, E. Die christliche Lehre von Schöpfung und Erlösung. In: _____. **Dogmatik**. 3. Aufl. Zürich: Theologischer Verlag, 1972 (1950). v. 2, p. 31.

Conclusão

Conseqüentemente, vemos a presença real de Deus no mundo, na cruz e na humilhação do Messias Jesus. Deus é ser existente no interior do processo de sofrimento de Jesus. Dessa forma, o amor de Deus é o mistério do mundo e a revelação ao mundo. A partir do homem Jesus, a presença de Deus se densificou no mundo, revelando a essência da Trindade, que é o amor. Para Boff, a comensalidade é sacramento. Comensalidade, segundo ele, significa que “os alimentos são mais que coisas materiais. São sacramentos do encontro e da comunhão”.⁶³ A alteridade na criação adquiriu seu real sentido na medida em que o mundo foi visitado pela alteridade da Trindade, na pessoa do homem Jesus de Nazaré. A partir disso, a comensalidade, o respeito e a hospitalidade são expressões da profunda humanidade do nosso Deus. Diante disso, de onde o ser humano nutre sua capacidade de amar gratuitamente? Esse amor é qualitativamente diferente daquele motivado pelo *eros*. Na concepção de Agostinho, esse se transforma em *ágape* à medida que se dirige às coisas superiores, ou se torna em concupiscência à medida que se dirige ao andar inferior do mundo. A presença de Deus no mundo, na pessoa do crucificado, é a crise e o juízo sobre todo amor humano. O amor de Deus manifesta-se concretamente como fonte do amor desinteressado, invertendo todos os conceitos humanos de amor que, de alguma forma, são impulsionados pelo *eros*.

O amor de Deus na cruz mostra a fraqueza de Deus e sua mutabilidade na história humana. Exatamente nisso Deus mostra sua vitória e seu poder, pois o caminho de Deus passa pelo *sub contrario*. O Deus Trindade, criador e redentor do cosmo, sofre com a tragédia do mundo na pessoa do Filho Jesus Cristo. Na cruz está a expressão maior do amor de Deus, qualificado pela sua santidade e ira. A partir disso, o amor humano recebe sua eficácia. Assim, a eficácia da fraternidade humana não é condição para que o senhorio do reino da Trindade se estabeleça, mas o amor humano deriva da experiência de juízo e de graça. O amor do ser humano é dádiva que se transforma em compromisso para o exercício histórico de relações fraternas de comunhão. O amor, recebido como dádiva, torna-se concreto nos atos de

⁶³ BOFF, L. Comensalidade: refazer a humanidade. **Jornal A Notícia**, Joinville, 19 abr. 2008. <<http://www.clicrbs.com.br/anoticia>> Acesso em: 19 abr. 2008.

amor que favorecem ao próximo, especialmente ao pobre, incluindo a questão ecológica. Isso é verdadeiro na medida em que “a verdade e a justiça estão sofrendo violência”, pois são os pobres e os pequenos as vítimas da injustiça e da violência.⁶⁴ Portanto, a experiência de Deus pela palavra, em juízo e graça, é condição de possibilidade para a diaconia, que se torna concreta na alteridade.

⁶⁴ Cf. LUTERO, M. Das Boas Obras. [Von den guten werckenn]. Trad. Walter O. Schlupp. In: _____. **Obras Seleccionadas:** O Programa da Reforma. Escritos de 1520. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. v. 2, p. 97-170.